



REALIZAÇÃO:



APOIO:



***"Promoção da saúde e reabilitação de lesões esportivas
por ações fisioterapêuticas na Saúde do Atleta"***

Anais

II Simpósio de Fisioterapia Esportiva

Arquivos Ciências do Esporte
Volume 6, Suplemento 1. 2018

II Simpósio de Fisioterapia Esportiva da Associação Atlética Acadêmica Dornival Bertoni (AAADB)

Daniel Ferreira Moreira Lobato

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

No Brasil, a Fisioterapia na Saúde do Atleta ou Fisioterapia Esportiva é, possivelmente, uma das mais recentes áreas de atuação desta profissão, impulsionada por grandes eventos esportivos ocorridos em nosso país nos últimos quatro anos. Como todo campo de atuação profissional de caráter essencialmente prático, requer a necessidade de constante preparo, capacitação e atualização de seus profissionais, para oferecer a excelência em suas condutas junto a atletas de diferentes níveis e praticantes de atividades físicas em geral.

É dentro deste contexto que destacamos a importância da realização de eventos científicos como o **II Simpósio de Fisioterapia Esportiva da Associação Atlética Acadêmica Dornival Bertoni (AAADB)**, realizado nos dias 14 e 15 de setembro de 2018, nas dependências da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, na cidade de Uberaba – MG, com o apoio do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 4ª Região (CREFITO-4) e da Sociedade Nacional de Fisioterapia Esportiva (SONAFE).

A cidade de Uberaba apresenta uma posição estratégica no país, situando-se a cerca de 500 km de importantes centros econômicos do Brasil, como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Conta com o 3º maior polo industrial do estado e é uma das cidades que mais cresce no Brasil. Portanto, é imperativo que também participe ativamente de momentos e situações que possam promover o desenvolvimento técnico dos fisioterapeutas que congrega sua região, visando introduzir a qualidade nos procedimentos e rotinas operacionais nas áreas da Fisioterapia Esportiva, em consonância às orientações da SONAFE, bem como estimular o interesse de acadêmicos por esta que é uma das áreas mais promissoras da Fisioterapia.

Neste sentido, as comissões científica e executiva organizaram um evento dinâmico e atrativo, contando com palestrantes locais, regionais e nacionais de grande *expertise* na área. Trabalhamos ativamente para oferecer uma programação clínica e científica atualizada e abrangente, abordando temas relevantes e contemporâneos ao contexto da Saúde do Atleta, nos mais diferentes níveis de expressão: prevenção, diagnóstico, intervenções terapêuticas/de treinamento e retorno à prática esportiva, assim como o uso de novos recursos e tecnologias na área.

Foram apresentados e discutidos, em palestras e mesas redondas temáticas, assuntos com grande importância para a nossa área de atuação: desde o novo papel do fisioterapeuta no esporte e os desafios iniciais da prática profissional, até os conceitos mais atuais na atuação fisioterapêutica em diferentes condições clínicas, contextos e esportes, passando pelo esporte adaptado e não-adaptado.

Além disso, foram realizados três mini-cursos relacionados à prática clínica fisioterapêutica no âmbito do esporte, envolvendo o uso da Terapia por Ondas de Choque, as atualidades na abordagem fisioterapêutica das tendinopatias de membro inferior e o Pronto Atendimento no Esporte.

Ressaltando a importância da pesquisa em Fisioterapia para orientar a prática profissional, tivemos uma programação científica de destaque, envolvendo a apresentação de trabalhos acadêmicos e científicos, que estão reunidos e apresentados neste suplemento da Revista Arquivos de Ciências do Esporte.

Assim, esperamos cumprir também nosso compromisso de estimular o desenvolvimento da área, segundo uma prática fundamentada em evidências.

Desejamos a todos uma ótima leitura, um bom aproveitamento deste conteúdo, e esperamos vê-los em breve na próxima edição do nosso evento, que espera consolidar-se no cenário nacional.

<p>A importância da avaliação em deficientes visuais para realização de atividades físicas..... s1 Gabriela Gonçalves Machado, Izadira Cristina Barcelos Oliveira, Wilbert Esteban Cárdenas Urquizo, Suraya Gomes Novais Shimano, Nuno Miguel Lopes Oliveira</p>	<p>Efeitos agudos da corrida na função dos músculos do assoalho pélvico Feminino..... s7 Queren Priscila Rizza, Marcela Magalhães Maniglia, André Venturini, Vanessa Santos Pereira Baldon, Ana Paula Magalhães Resende</p>
<p>Alongamento agudo da musculatura agonista X antagonista no desempenho funcional do membro inferior..... s2 Victória Marianne Araújo Valadão, Rafael MianSilva, Caio de Paula Martins, Daniel Ferreira Moreira Lobato</p>	<p>Existe relação entre a cinemática da corrida e a função dos músculos do assoalho pélvico de mulheres corredoras?..... s8 Queren Priscila Rizza, Vanessa Santos Pereira Baldon, Valdeci Carlos Dionísio, Ana Paulo Magalhães Resende</p>
<p>Condicionamento cardiorrespiratório aeróbia após cirurgia de troca valvar: estudo de caso..... s3 Glauco César da Conceição Canella, Robison José Quitério</p>	<p>Fatores de risco da entorse em inversão em jogadores de futebol brasileiros e sul-coreanos..... s9 Vitória Alves Teixeira, Taís Capobianco Genova, Lígia Maria Estigarribia Tenguan, Daniel Ferreira Moreira Lobato, Fábio Viadanna Serrão</p>
<p>Correlação entre avaliação física virtual e de desempenho funcional em mulheres: Um estudo piloto..... s4 Marina Andrade Donzeli, Lucas Gabriel Coelho Gomes, Eduardo Henrique Pereira Rodrigues, Gustavo de MelloRodrigues, Dernal Bertoncello, Daniel Ferreira Moreira Lobato</p>	<p>Grupo focal como estratégia de análise do treinamento neuromuscular em Fisioterapia Esportiva..... s10 Marina Andrade Donzeli, Sheila Aparecida da Silva, Victor Silva Alves, Lucas Gabriel Coelho Gomes, Daniel Ferreira Moreira Lobato, Dernal Bertoncello</p>
<p>Dominância e sua relação com a restrição da ADM de dorsiflexão em atletas de futebol..... s5 KarolyneStéfanie Sousa Barbosa, Diego Brenner Ribeiro, Gustavo de Mello Rodrigues, Victor da Silva Alves, DernalBertoncello</p>	<p>Nível de atividade física de adolescentes com diabetes mellitus tipo 1..... s11 Glauco Cesar da Conceição Canella, Jesselina Francisco do Santos Haber, Robison José Quitério</p>
<p>Efeito da dominância de membros sobre o desempenho em testes funcionais – Um estudo-piloto..... s6 Ana Isabela Teruyu, Rafael Mian, Caio de Paula Martins, Juliana Moraes Santos, Carla Paola Ferreira Felipe, Mayara Yamamoto,RawaneKaryn Oliveira Cardozo, Daniel Ferreira Moreira Lobato</p>	<p>Perfil físico e postural de paratletas de uma equipe de goalball..... s12 Thiago Moisés Queiroz, Nuno Miguel Lopes Oliveira, Suraya Gomes Novais Shimano, Daniel Ferreira Moreira Lobato</p>

A importância da avaliação em deficientes visuais para realização de atividades físicas

Gabriela Gonçalves Machado^{1,*}
Izadira Cristina Barcelos Oliveira¹
Wilbert Esteban Cárdenas Urquizo¹
Suraya Gomes Novais Shimano¹
Nuno Miguel Lopes Oliveira¹

Introdução: A deficiência visual caracteriza-se por perdas totais ou parciais da visão. A visão exerce um papel importante no equilíbrio e na postura do indivíduo, assim os deficientes visuais (DV) podem apresentar comprometimento dos mesmos, levando ao acometimento nas atividades de vida diária, bem como na realização de atividades físicas e conseqüentemente na sua qualidade de vida. **Objetivo:** Promover uma avaliação adaptada aos DV para realização de atividade física. **Métodos:** Ensaio clínico, transversal, sem intervenção e quantitativo. A amostra foi composta por 8 DV. Os critérios de inclusão foram ser cadastrados no Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC) de Uberaba – MG, apresentar interesse, disponibilidade e aceitar em participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. Os critérios de exclusão foram apresentar outras deficiências associadas e realizarem tratamentos fisioterapêuticos ou de equilíbrio. Foi avaliado o equilíbrio através da Baropodometria adaptada, avaliação postural pelo software SAPO e qualidade de vida pelo questionário WHOQOL-BREF, realizando a leitura do mesmo pelo avaliador. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM, sob o parecer do número 2.151.596. **Resultados:** Na baropodometria apresentaram uma maior oscilação ântero posterior. No SAPO foi observado alteração no alinhamento horizontal da cabeça e do ângulo entre os dois acrômios e as duas espinhas ilíacas ântero superior Na qualidade de vida, foi observado baixos índices nos domínios físico e psicológico. **Conclusão:** As avaliações adaptadas são essenciais para obter dados específicos relacionados a saúde do DV assim como subsidiar a sua evolução diante a atividade física realizada. .

Palavras-chave: Exercício, deficiência visual, qualidade de vida

Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:gabi_gmachado@hotmail.com

Alongamento agudo da musculatura agonista X antagonista no desempenho funcional do membro inferior

Victória Marianne Araújo Valadão^{1,*}

Rafael Mian Silva¹

Caio de Paula Martins¹

Daniel Ferreira Moreira Lobato²

Introdução: O efeito do alongamento agudo da musculatura agonista sobre o desempenho funcional é ainda pouco compreendido e controverso, e somente um estudo abordou o efeito do alongamento agudo da musculatura antagonista sobre essa valência. **Objetivo:** Comparar o efeito do alongamento muscular agudo da musculatura agonista e antagonista em membros inferiores sobre o desempenho em testes de salto. **Métodos:** O estudo envolveu 20 atletas futebolistas, do gênero masculino, com idade entre 14 e 17 anos, divididos aleatoriamente em dois grupos: 1) submetidos a alongamento agudo da musculatura agonista (extensores de quadril e joelho e flexores plantares de tornozelo – n=10) e 2) submetidos a alongamento agudo da musculatura antagonista (flexores de quadril e joelho e dorsiflexores de tornozelo – n=10). Um dos membros inferiores foi sorteado para receber a intervenção e o membro contralateral foi considerado como controle interno. O desempenho funcional foi avaliado por meio do triple hop test e six-meter timed hop test, antes e após a realização dos alongamentos (3 séries de 30 segundos), considerando-se o melhor resultado obtido em 3 tentativas válidas de cada teste. **Resultados:** De acordo com o teste t-Student para amostras dependentes, não houve diferença significativa ($\alpha=5\%$) entre o desempenho pré e pós-alongamento, tanto da musculatura agonista quanto da musculatura antagonista, em ambos os testes, assim como no membro inferior controle. **Conclusão:** A realização do alongamento agudo na musculatura agonista e antagonista parece não interferir na performance dos atletas em atividades de salto.

Palavras-chave: alongamento muscular agudo, testes funcionais, desempenho funcional.

Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) – APQ 02141-15.

Afiliação dos autores

¹Centro Universitário UNISEB, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil
²Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail: vivimarianne4@gmail.com

Condicionamento cardiorrespiratório aeróbia após cirurgia de troca valvar: estudo de caso

Glauco César da Conceição Canella^{1,2,3,*}
Robison José Quitério^{1,3}

Introdução: Pacientes submetidos a troca valvar apresentam alterações nas respostas cardiovasculares. Conhecer o comportamento das variáveis hemodinâmicas durante o teste de esforço físico aeróbio (TEFA) se torna essencial para a prescrição de exercícios. **Objetivo:** Avaliar a capacidade cardiorrespiratória aeróbia após cirurgia de troca valvar. **Metodologia:** Foi estudada uma mulher com 52 anos de idade, IMC 26,1Kg/m², acometida com Estenose Mitral Calcificada, com hipertensão pulmonar e fibrilação atrial, passou por cirurgia de Troca Valvar Mitral Biológica, medicação otimizada. Foi submetida ao TEFA em esteira, protocolo Bruce Modificado. Foram calculados os dados obtidos e previstos para o sexo e idade utilizando-se as fórmulas: frequência cardíaca (FC); consumo de oxigênio VO₂ (mL/Kg-1/min-1) = (V x 0,1) + (V x l x 1,8) + 3,5; Duplo produto, DP (bpm.mmHg) = frequência cardíaca (bpm) x pressão arterial sistólica (mmHg); Consumo de oxigênio miocárdio MVO₂ (mL/100gVE/min) = (DP x 0,0014) - 6,3; Débito cardíaco, QT (L.min) = (VO₂ x peso x 0,0046) + 3,1. A diferença percentual entre os valores obtidos e previstos foram obtidos da seguinte maneira = (previsto-obtido)/previsto. Resultados positivos ou negativos indicam o quanto os dados estão abaixo/acima do esperado. **Resultados:** Dados previstos, obtidos e déficits (%): FC (bpm) = 150, 168 e -12%; VO₂ (mL/Kg-1/min-1) = 24,91, 24,57 e 1,36; DP (bpm.mmHg) = 33442, 23520 e 29.7%; MVO₂ (mL/100gVE/min) = 40,5, 26,6 e 34,3% e QT (L.min) = 10,1, 10, 0,9%. **Conclusão:** Após 65 dias da cirurgia cardíaca, capacidade aeróbia cardíaca encontra-se abaixo do previsto, decorrentes, tanto de déficit cronotrópico, quanto inotrópico cardíaco. **Conclusão:** Diante disto ficou evidenciado que os diabéticos tipo 1 praticam pouca atividade física refletindo em um baixo gasto energético durante a fase da adolescência.

Palavras-chave: cirurgia torácica, teste de esforço, atividade física.

Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Afiliação dos autores

¹Fisioterapeuta. PPG Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro – São Paulo, Brasil.

²Escola de Enfermagem. Universidade Federal Fluminense UFF, Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil

³Laboratório de Investigação em Biocomunicação, Exercício Físico e Modulação Autonômica Cardíaca (LIBEM). Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Marília – São Paulo, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:
glauco.fisio@yahoo.com.br

Correlação entre avaliação física virtual e de desempenho funcional em mulheres: Um estudo piloto

Marina Andrade Donzeli^{1,*}
Lucas Gabriel Coelho Gomes¹
Eduardo Henrique Pereira Rodrigues¹
Gustavo de Mello Rodrigues¹
Dernival Bertoncello¹
Daniel Ferreira Moreira Lobato¹

Introdução: O desenvolvimento de novas metodologias de avaliação funcional é um tema de grande interesse clínico. Hipotetiza-se que as tecnologias virtuais possam contribuir neste aspecto, porém seu uso na Fisioterapia Esportiva é ainda incipiente. **Objetivo:** Verificar o nível de correlação entre uma avaliação virtual de aptidão física com medidas de desempenho funcional em mulheres ativas. **Métodos:** Estudo preliminar, de natureza transversal, cuja amostra foi constituída por 37 mulheres saudáveis (21,97±2,60 anos e 22,86±3,22 kg/cm²) e ativas (233,68±132,06 minutos de atividade física/semana). A avaliação virtual de aptidão física foi realizada por meio do jogo Nike+ Kinetic Training™, em ambiente XBOX 360/Kinetic™, que apresenta um módulo de avaliação do preparo e do condicionamento físico. A avaliação do desempenho funcional foi realizada por meio do *shuttle run* (SR) e *six-meter timed hop test* (STHT). Os resultados foram correlacionados por meio do índice produto-momento de Pearson, considerando $\alpha=5\%$. **Resultados:** Houve correlação moderada entre: o nível de condicionamento físico e o desempenho no SR ($R=-0,42$; $p=0,009$); os níveis de preparo ($R=-0,53$; $p<0,001$) e condicionamento físico ($R=-0,5$; $p=0,01$) e o desempenho no STHT-membro não-dominante; o nível de condicionamento físico e o desempenho no STHT-membro dominante ($R=-0,4$; $p=0,01$). Houve correlação fraca entre o nível de preparo físico e os desempenhos no SR ($R=-0,28$; $p=0,09$) e no STHT-membro dominante ($R=-0,30$; $p=0,08$). **Conclusão:** Os níveis de condicionamento físico parecem representar de forma mais adequada o desempenho funcional do que os de preparo físico. Entretanto, a avaliação virtual utilizada parece não apresentar elevada correlação com os testes de desempenho funcional.

Palavras-chave: terapia de exposição à realidade virtual; desempenho atlético; membro inferior.

Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:
marina_donzeli@hotmail.com

Dominância e sua relação com a restrição da ADM de dorsiflexão em atletas de futebol

Karolyne Stéfanie Sousa Barbosa¹
Diego Brenner Ribeiro¹
Gustavo de Mello Rodrigues¹
Victor da Silva Alves¹
Dernival Bertoncello¹

Introdução: Alterações nas mensurações da amplitude de movimento (ADM) de dorsiflexão no tornozelo têm sido associadas com dor no pé, lesões no tornozelo e distúrbios dos membros inferiores. **Objetivo:** Analisar se existe relação entre a dominância e a restrição da (ADM) de dorsiflexão de tornozelo em atletas de futebol profissional. **Métodos:** Tratou-se de um estudo observacional transversal, cuja amostra foi composta por 29 atletas de futebol, sendo 20 com dominância do lado direito, 8 do lado esquerdo e 1 ambidestro. Os participantes foram recrutados em uma equipe de futebol, e participaram da avaliação pré-temporada. Para determinar a dorsiflexão de tornozelo o atleta foi posicionado voltado para uma parede e instruído a mover o joelho em direção à uma linha vertical. Foi mensurada a ADM utilizando um inclinômetro digital, posicionado abaixo da tuberosidade da tibia, sendo realizada a medida três vezes em cada tornozelo. Para análise foram utilizados a Correlação de Pearson (r) e testes convencionais para média e desvio padrão. **Resultados:** Após análise obtivemos correlação significativa ($r=0,893$); ($p=0,01$) se tratando de atletas com dominância do lado direito. Destes, 60% obtiveram restrição da ADM de dorsiflexão de tornozelo em ambos os lados. Para os atletas que tinham dominância do lado esquerdo, os resultados também mostraram correlação significativa ($r=0,843$), ($p=0,01$), destes 87,5% tinham dorsiflexão de tornozelo diminuída em ambos os lados. **Conclusão:** Não houve relação da dominância do membro inferior do atleta com a restrição da ADM de dorsiflexão de tornozelo, uma vez que os valores significativos nos mostram a restrição bilateral.

Palavras-chave: desempenho atlético, extremidade Inferior, traumatismos em atletas.

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

**Autor correspondente*

e-mail:
karolstefanie@hotmail.com

Efeito da dominância de membros sobre o desempenho em testes funcionais – Um estudo-piloto

Ana Isabela Teruyu^{1,*}
Rafael Mian²
Caio de Paula Martins²
Juliana Moraes Santos²
Carla Paola Ferreira Felipe²
Mayara Yamamoto²
Rawane Karyn Oliveira Cardozo²
Daniel Ferreira Moreira Lobato¹

Introdução: Os efeitos da dominância de membros sobre o desempenho funcional ainda não estão bem estabelecidos e sua correta compreensão é necessária para aprimorar a habilidade do clínico em avaliar as lesões no membro inferior, bem como a sua progressão, especialmente no âmbito esportivo, onde a assimetria funcional é considerada um fator de risco predisponente a lesões. **Objetivo:** Investigar a influência da dominância de membros sobre o desempenho dos membros inferiores em testes funcionais. **Métodos:** Oito atletas recreacionais (20,70±2,19 anos; 75,90±15,3 kg; 1,73±0,07 m), de ambos os gêneros, fizeram parte deste estudo-piloto. O desempenho funcional dos membros inferiores foi avaliado por meio de três testes de salto unipodais: hop test (HP), six-meter timed hop test (STHT) e square hop test (SHT), sendo considerado, em cada teste, o desempenho médio de três tentativas válidas, para a análise dos dados. **Resultados:** De acordo com o teste t-Student para amostras dependentes ($\alpha=5\%$), não houve diferença significativa entre o desempenho dos membros dominante e não-dominante, nos três testes funcionais: HT ($p=0,27$), STHT ($p=0,70$) e SHT ($p=0,23$). **Conclusão:** A dominância de membros inferiores parece não influenciar de forma decisiva o desempenho funcional de atletas recreacionais.

Palavras-chave: dominância de membros, desempenho funcional, testes funcionais.

Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

²Centro Universitário UNISEB, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

*Autor correspondente

e-mail: anaiteruyu@gmail.com

Efeitos agudos da corrida na função dos músculos do assoalho pélvico feminino

Queren Priscila Rizza¹

Marcela Magalhães Maniglia^{1,2}

André Venturini²

Vanessa Santos Pereira Baldon¹

Ana Paula Magalhães Resende^{1,*}

Objetivo: Avaliar função dos músculos do assoalho pélvico (MAP) de corredoras de longa distância, antes e imediatamente após duas situações de corrida: corrida em intensidade máxima e intensidade submáxima. **Métodos:** Estudo transversal realizado com 15 mulheres nulíparas que praticam corrida de longa distância há no mínimo 12 meses e frequência mínima de 3 vezes/semana. No primeiro dia de avaliação foi realizado o teste na esteira de intensidade máxima, baseado em um protocolo incremental de velocidade. No segundo dia foi realizado o teste de intensidade submáxima, com no mínimo 48 horas após o primeiro dia, com duração de uma hora e média de velocidade 70% da velocidade máxima encontrada no teste máximo. A avaliação dos MAP e da presença de incontinência urinária foram realizadas em ambos os dias antes e imediatamente após o teste na esteira por meio de palpação vaginal (escala de Oxford), da manometria (cmH₂O) utilizando aparelho da marca Peritron e do questionário ICIQ-SF. **Resultados:** Quinze mulheres nulíparas foram incluídas sendo 8 continentais (ICIQ-SF 5,12±1,72) e 7 incontinentes (ICIQ-SF 1,42±3,77). Não houve diferença na força dos MAP antes e após os testes máximo e submáximo. Como esperado, as mulheres continentais apresentaram maior força dos MAP mensurada pela escala de Oxford (3,13±1,24 x 2±0,57), maior pressão média mensurada pela manometria (52,5±24 x 31,4±9,41 cmH₂O) em comparação as incontinentes. **Conclusão:** Correr em alta e moderada intensidade parece não afetar de forma aguda a função do MAP em corredoras de longa distância e corredoras continentais apresentam melhor função dos MAP em relação as incontinentes.

Palavras-chave: corrida, assoalho pélvico, incontinência urinária.

Afiliação dos autores

¹Programa de Pós-graduação em Fisioterapia UFTM/UFU, Núcleo de Estudos de Pesquisa em Fisioterapia na Saúde da Mulher (NUFISM-UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil
²Clínica de Medicina Esportiva Labs for Fit, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

*Autor correspondente

e-mail:
anapaulamb@gmail.com

Existe relação entre a cinemática da corrida e a função dos músculos do assoalho pélvico de mulheres corredoras?

Rafaela de Melo Silva¹
Queren Priscila Rizza¹
Vanessa Santos Pereira Baldon¹
Valdeci Carlos Dionísio¹
Ana Paulo Magalhães Resende^{1,*}

Objetivo: Avaliar a força dos músculos do assoalho pélvico (MAP) em mulheres corredoras e correlacionar com a carga de treino semanal (CTS), com o deslocamento vertical (DV), com a flexão de joelho durante a fase de resposta a carga, e o tipo de aterrissagem do pé com o solo. **Material e Métodos:** Estudo transversal. Mulheres que corriam no mínimo 20 Km semanais, por pelo menos 6 meses foram incluídas. Inicialmente foi realizada avaliação dos MAP por meio da palpação vaginal (Oxford) e manometria (Peritron). Em seguida, foram avaliados o DV, FJRC e TAP por meio de um circuito de câmeras com o auxílio de 12 marcadores reflexivos nos MMII e tronco. O DV foi avaliado em plano dorsal durante um ciclo completo da passada e a FJRC e o TAP no plano sagital, vista lateral direita. As imagens bidimensionais foram avaliadas posteriormente, quadro a quadro, por meio do software gratuito Kinovea. **Resultados:** 28 corredoras (11 incontinentes e 17 continentas) foram incluídas. As mulheres continentas apresentaram maior força dos MAP $43,4 \pm 21,7 \times 38,9 \pm 31$ cmH₂O. Foi encontrada associação entre CTS e perda de urina, sugerindo que mulheres que perdem urina percorrem maior distância por semana. Não foram encontradas correlações entre a perda de urina e as variáveis cinemáticas estudadas. **Conclusões:** Não houve correlação entre a força dos MAP e o DV, FJRC e o TAP. A maior carga de treino semanal parece estar associada a menor força dos MAP. **Conclusão:** Essas atletas apresentaram ocorrência de lesões, alterações posturais e encurtamento.

Palavras-chave: assoalho pélvico, corrida, fenômenos biomecânicos

Afiliação dos autores

¹ Programa de Pós-graduação em Fisioterapia UFTM/UFU, Núcleo de Estudos de Pesquisa em Fisioterapia na Saúde da Mulher (NUFISM-UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

*Autor correspondente

e-mail:
anapaulamb@gmail.com

Fatores de risco da entorse em inversão em jogadores de futebol brasileiros e sul-coreanos

Vitória Alves Teixeira^{1,*}
Taís Capobianco Genova²
Lígia Maria Estigarribia Tengan²
Daniel Ferreira Moreira Lobato¹
Fábio Viadanna Serrão²

Introdução: Introdução: As lesões ligamentares do tornozelo apresentam uma ocorrência relativamente alta durante a prática esportiva, especialmente em modalidades que envolvem corridas e saltos, tais como o futebol. **Objetivo:** Comparar a sensibilidade proprioceptiva do tornozelo e o torque excêntrico eversor e inversor entre jogadores de futebol brasileiros e sul-coreanos, bem como verificar a sua relação com a dominância de membros. **Métodos:** Participaram deste estudo 14 jogadores de futebol (14-18 anos), divididos em dois grupos: Grupo B- sete indivíduos brasileiros e Grupo SC- sete indivíduos de sul-coreanos. A avaliação da sensibilidade proprioceptiva [percepção da posição articular durante os movimentos passivo (PPA-P) e ativo (PPA-A) e limiar de detecção do movimento passivo (LDMP)] foi realizada no dinamômetro isocinético Biodex Multi-Joint System 3, a 2°/s, nos ângulos-alvo de 5° e 30° de inversão, e de 5° e 15° de eversão. O torque excêntrico foi avaliado no mesmo equipamento, nas velocidades angulares de 30°/s (cinco repetições) e 120°/s (10 repetições). **Resultados:** Foi observada diferença importante para a PPA-P (30° de inversão-membro não dominante), com o GSC apresentando menores erros. Quanto à PPA-A, ao LDMP e à relação entre os picos de torque excêntrico eversor e inversor, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, apenas tendências de menores erros para o GSC e maiores torques para o GB. **Conclusão:** Apesar das nacionalidades distintas, os dois grupos estudados apresentam características semelhantes quanto à proporção do torque eversor/inversor e quanto à propriocepção do tornozelo. Além disso, essas variáveis não foram influenciadas pela dominância de membros.

Palavras-chave: propriocepção, torque, entorses de tornozelo.

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

²Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

*Autor correspondente

e-mail:
vih.taio45@gmail.com

Grupo focal como estratégia de análise do treinamento neuromuscular em Fisioterapia Esportiva

Marina Andrade Donzeli^{1,*}
Sheila Aparecida da Silva¹
Victor Silva Alves¹
Lucas Gabriel Coelho Gomes¹
Daniel Ferreira Moreira Lobato¹
Dernival Bertoncello¹

Introdução: Os treinamentos neuromusculares em Fisioterapia Esportiva têm sido apontados como efetivos para diminuir os riscos de lesões no membro inferior e para melhora do desempenho esportivo. Deste modo, programas de exercícios preventivos vêm sendo estimulados e desenvolvidos com o intuito de minimizar a ocorrência dessas lesões. Entretanto, seus efeitos ainda não foram abordados do ponto de vista qualitativo. **Objetivo:** Utilizar a estratégia de grupo focal para compreender a percepção dos efeitos de um treinamento neuromuscular em estudantes de uma Universidade brasileira. **Método:** Participaram deste estudo exploratório 07 mulheres com idade entre 18 e 26 anos, submetidas a um treinamento neuromuscular desenvolvido em um período de oito semanas, com frequência de sessões de três treinos/semana, totalizando 24 sessões de aproximadamente 60 minutos, sendo composto por três fases, de dificuldade crescente. Um moderador treinado conduziu o grupo focal, sendo as sessões gravadas em áudio e transcritas, posteriormente, para análise dos dados, que foi feita por meio de análise temática. **Resultados:** As participantes relataram melhora do condicionamento físico, da resistência e força muscular, destacando ainda a melhora do equilíbrio e sensação de estabilidade nos membros inferiores. **Conclusão:** A estratégia de grupo focal foi considerada efetiva para analisar os efeitos do treinamento realizado. Portanto, seu uso deve ser estimulado na área de Fisioterapia Esportiva e treinamento esportivo.

Palavras-chave: grupo focal, treinamento neuromuscular, fisioterapia.

Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:
marina_donzeli@hotmail.com

Nível de atividade física de adolescentes com diabetes mellitus tipo 1

Glauco Cesar da Conceição Canella^{1,2,3,*}

Jesselina Francisco do Santos Haber⁴

Robison José Quitério¹

Introdução: O Diabetes Mellitus do tipo 1 (DM1) é a segunda doença crônica mais frequente na infância, afetando diretamente todos os aspectos de vida dos pacientes com DM1, especialmente na prática da atividade física, devido ao risco da hipoglicemia durante o exercício e ao sedentarismo. **Objetivo:** Investigar o nível de atividade física de adolescentes com diabetes tipo 1 insulino-dependente. **Metodologia:** a amostra foi composta por 55 indivíduos acometidos com diabetes mellitus tipo 1, sendo 29 meninas e 26 meninos, com idade de 15,66±3,4 anos, IMC: 23,12 kg/m², com diagnóstico há mais de dois anos e com mais de duas aplicações diárias de insulina, sem histórico de patologias associadas e com medicação otimizada. O nível de atividade física habitual foi avaliado pelo questionário Baecke que observa a atividade física ocupacional (AFL), exercício físico de lazer (EFL), atividade física de lazer de locomoção (ALL) e escore total (ET). **Resultados:** Idade 15,66±3,4 anos, IMC: 23,12 kg/m². Escores: atividade física ocupacional: 2,81±0,58; exercício físico de lazer: 2,21±0,77; atividade física de lazer de locomoção: 3,22±1,29; escore total: 8,24±1,73. **Conclusão:** Diante disto ficou evidenciado que os diabéticos tipo 1 praticam pouca atividade física refletindo em um baixo gasto energético durante a fase da adolescência.

Palavras-chave: adolescente, diabetes mellitus tipo 1, atividade física.

Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Afiliação dos autores

¹PPG Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

²Escola de Enfermagem. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

³Laboratório de Investigação em Biocomunicação, Exercício Físico e Modulação Autonômica Cardíaca (LIBEM). Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, Brasil.

⁴Departamento de Endocrinologia. Faculdade de Medicina de Marília, Marília, São Paulo, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:
glauco.fisio@yahoo.com.br

Perfil físico e postural de paratletas de uma equipe de goalball

Thiago Moisés Queiroz^{1,*}
Nuno Miguel Lopes Oliveira¹
Suraya Gomes Novais Shimano¹
Daniel Ferreira Moreira Lobato¹

Introdução: O goalball é um esporte paraolímpico coletivo para atletas com deficiência visual, com o objetivo de fazer gols, arremessando uma bola de 1,250 kg e com guizos para facilitar a orientação dos jogadores. **Objetivo:** O objetivo desse estudo foi identificar o perfil físico e postural em atletas praticantes de goalball. **Métodos:** Participaram nove atletas (sete homens e duas mulheres; 40,44±10,03 anos; 29,52±4,64 kg/m²), sendo 7 com classificação funcional B1 e 2 com classificação funcional B2, vinculados ao Instituto dos Cegos do Brasil Central ou à Associação Desportiva Uberabense dos Cegos - Uberaba-MG, submetidos a exame físico: prova de força muscular manual, avaliação da amplitude de movimento por goniometria e flexibilidade pelo alcance anterior de tronco, além de exame postural por inspeção. **Resultados:** As alterações posturais mais frequentes foram a pronação dos antebraços (44%), protusão de ombros (33%), desalinhamentos em valgo/varo (33%), hiperextensão (33%) e semi-flexão (33%) de joelho, hiperlordose lombar (33%), anteversão da pelve (33%) e arco plantar diminuído/pé plano (22%). Foram observados valores reduzidos para rotação medial do ombro (direita - 67,2° e esquerda - 60,3°). A distância dedo-solo no alcance anterior foi de 15,16 cm e nos alcances laterais foram de 45,94 cm (direita) e 46 cm (esquerda). Houve menor grau de força muscular para os músculos adutores de quadril esquerdo (4,5) e direito (4,7), bem como para os extensores de quadril (4,7). **Conclusão:** Atletas praticantes de goalball apresentam alterações posturais, de mobilidade, flexibilidade e de força muscular, as quais servirão para orientar condutas preventivas de lesões.

Palavras-chave: transtornos da visão, esportes para pessoas com deficiência, exame físico

Afiliação dos autores

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente

e-mail:
thiagoqueirozptc@hotmail.com